

● RESENHA

FICANDO LONGE DO FATO DE JÁ ESTAR MEIO QUE LONGE DE TUDO, DE DAVID FOSTER WALLACE

Diego Gomes do Valle*

■ Harold Bloom (2010, p. 46) resume a função (se é que ela precisa de uma para existir) da grande literatura nestes termos: “Tudo que o Cânone Ocidental pode nos trazer é o uso correto de nossa solidão, essa solidão cuja forma final é nosso confronto com nossa mortalidade”. O problema é que se torna muito pouco confortável conceber a literatura nesses termos, principalmente em nossos dias, nos quais tudo quanto fazemos deve nos dar prazer: do culto religioso ao casamento, da velhice aos estudos universitários, nada escapa à busca hedonista enquanto valor supremo. David Foster Wallace (DFW), no discurso de paraninfo que se tornou um viral após seu suicídio, a propósito da real finalidade das Ciências Humanas, diz: “A verdade com V maiúsculo diz respeito à vida *antes* da morte. Diz respeito a chegar aos trinta, ou quem sabe aos cinquenta, sem querer dar um tiro na cabeça” (WALLACE, 2012, p. 274-275). Nesse sentido, ler DFW não é prazeroso, mas nos diz muito sobre esse *antes*.

A escolha dos ensaios que compõem o *Ficando longe...* é justificada por um dos tradutores, Daniel Galera, na introdução. São cinco ensaios que vão de Kafka a uma viagem de cruzeiro; além do já citado “Isto é água”. A ideia foi dar um prolegômeno ao mundo de DFW. Na comparação com a tradução para o espanhol, *Hablemos de langostas* (WALLACE, 2008), muitos dos melhores e mais inventivos ensaios ficaram de fora. Citamos, por exemplo, o brilhante texto sobre Joseph Frank/Dostoiévski, ou o texto sobre John Ziegler, radialista de grande sucesso nos Estados Unidos, que acaba sendo um enorme panorama do fenômeno das rádios e suas implicações políticas. Esse ensaio chama a atenção pelas caixas, semelhantes às das HQ, que substituem as notas de rodapé, dando agilidade quase wikipediana à leitura. Citamos os textos faltantes não como lamento, mas para dar ao leitor desta resenha uma dimensão mais ampla da persona ensaística de Wallace.

* Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) – Ponta Grossa – PR – Brasil. E-mail: dydydyego@hotmail.com

Milan Kundera (2009, p. 100), em seu *A arte do romance*, comenta sobre o agrimensor K. de *O castelo*:

É um alívio insatisfatório, para o engenheiro, saber que sua história é cômica. Ele se encontra confinado na brincadeira de sua própria vida como um peixe num aquário; não acha isso engraçado. Na verdade, uma brincadeira não é engraçada senão para aqueles que estão fora do aquário; o kafkiano, ao contrário, nos leva para dentro, para as entranhas de uma brincadeira, para o horrível do cômico.

É precisamente aqui que nos encontramos quando lemos os contos, romances e ensaios de DFW. Por exemplo, sobre sua experiência na Feira Estadual de Illinois, diz o americano:

Tampouco compreendo, preciso admitir, como alguém desembolsa grana para ser arremessado, suspenso, largado, sacudido de um lado para o outro em alta velocidade e pendurado de ponta-cabeça até vomitar. Para mim é como pagar para se envolver num acidente de carro. Não entendo qual é o sentido; nunca entendi. Não é uma coisa regional ou cultural. Acho que é uma questão de constituição neurológica básica. Acho que o mundo pode ser dividido direitinho entre quem se empolga com a indução controlada do terror e quem não se empolga. Acho aterrorizante. Um dos meus objetivos de vida básicos é submeter meu sistema nervoso à menor quantidade de terror possível (WALLACE, 2012, p. 94-95).

Percebemos de pronto na escrita de Foster Wallace uma sutileza do olhar quase *irineofuneseana*. Quando escreve sobre lagostas, a festa do Oscar pornográfico ou Roger Federer, evidencia-se um enciclopédico conhecimento sobre as áreas e personagens respectivos. As *nuances* sutis da alma humana (da *nossa* especialmente) são ditas com uma clareza absurda.

Wallace via sempre assim a realidade? Ou só a via assim quando pretendia escrever sobre ela (por exemplo, quando alguma revista bem-conceituada o pedia). Ou será que ele sempre olhava para a realidade com a possibilidade de escrever sobre ela? Irineu Funes, como sabemos, “não era muito capaz de pensar”, ao passo que DFW pensava demais e queria dizer muito. As notas de rodapé em cascata refletem uma necessidade urgente de se dizer algo mais do que está sendo dito no corpo do texto, uma espécie de caixa de ressonância na qual falam centenas de pessoas. Isso se verifica na variedade impressionante de gêneros discursivos desde os quais a voz do americano fala. Do estilo mais protocolar, passando por paródias de comerciais de TV, até chegar à prosa filosófica mais refinada. Tudo isso sem parecer pedante, exagerado ou pós-moderno (seja lá o que for isso). Em determinado momento do relato de seu passeio em um cruzeiro suntuoso, agudamente demonstra sua sensibilidade acima do comum:

Existe algo de insuportavelmente triste num Cruzeiro de Luxo comercial. Como a maioria das coisas insuportavelmente tristes, parece incrivelmente esquivo e complexo em suas causas e simples em seu efeito: a bordo do Nadir – especialmente à noite, quando cessam as diversões organizadas, as gentilezas e o barulho animado no navio – eu senti desespero. Desespero é uma palavra que foi desgastada até se tornar banal, mas é uma palavra séria e estou usando-a com seriedade. Para mim, ela denota uma mistura simples – um estranho anseio pela morte combinado com um sentimento esmagador da minha pequenez e da minha futilidade, que se apresenta como um medo da morte. Talvez seja algo

próximo daquilo que as pessoas chamam de pavor ou angústia. Mas é bem outra coisa. É como desejar morrer para escapar da sensação insuportável de compreender que sou pequeno e fraco e egoísta e que sem a menor dúvida vou morrer. É querer se atirar do navio (WALLACE, 2012, p. 110).

Foster Wallace e Kafka se encontram, a meu ver, quando o riso triste surge, quando há graça, mas também certa dor existencial. O próprio DFW, em um brilhante ensaio sobre Kafka, diz que:

O fato é que o humor de Kafka não possui quase nenhum dos formatos e códigos típicos do divertimento contemporâneo dos Estados Unidos. Não há jogos de palavras recorrentes nem acrobacias aéreas verbais, e pouco no que se refere a tiradinhas jocosas e sátiras mordazes. Não há humor baseado em funções corporais em Kafka, nem insinuações sexuais, nem tentativas estilizadas de se rebelar transgredindo as convenções (WALLACE, 2012, p. 232).

A questão é que nossa cultura atual, segundo Wallace, é adolescente, imatura demais para entender um humor assim:

E é isso, acredito, que torna a espíritosidade de Kafka inacessível a jovens que nossa cultura treinou para ver piadas como entretenimento e entretenimento como conforto. Não é que os alunos sejam incapazes de “sacar” o humor de Kafka, mas é que nós os ensinamos a entender o humor como algo que a gente saca (WALLACE, 2012, p. 234-235).

Aqui nos tristes trópicos o problema já atingiu o paroxismo. Não conseguimos chegar ao nível de compreensão do humor para sentir a tristeza do peixe no aquário ou o drama do agrimensor K. sem pátria. Talvez ainda estejamos no nível mais rasteiro do humor, que é o da torta na cara, do duplo-sentido jocoso. Quem sabe precisemos de mais algumas décadas de Didi Mocó e sentir um prazer real com isso.

REFERÊNCIAS

- BLOOM, H. *O cânone ocidental*. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- KUNDERA, M. *A arte do romance*. Tradução Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- WALLACE, D. F. *Hablemos de langostas*. Tradução Javier Calvo. Buenos Aires: Debolsillo, 2008.

Recebido em fevereiro de 2014.
Aprovado em abril de 2014.

WALLACE, David Foster.

*Ficando longe do fato de já estar
meio que longe de tudo.*

Tradução Daniel Galera e Daniel Pelizzari.
São Paulo: Companhia das Letras, 2012.